

Por uma geografia mitológica: a lenda medieval do Preste João, sua permanência, transferência e “morte”

Ricardo da Costa¹



O Preste João, senhor dos senhores

Ilustração do *Wappenbuch* de Conrad Grünenberg (Constance, 1480). München, Bayerische Staatsbibliothek, Cgm, 145, 53 (Fotografia da Bayerische Staatsbibliothek München)

A queda da cidade de Edessa, na Palestina (1144), após um cerco de vinte e oito dias efetuado por Imad ed-Din Zengi (general do sultão Mahmud), foi o principal motivo da pregação da Segunda Cruzada na Europa. O banho de sangue que se seguiu à conquista causou comoção nos líderes europeus. O cronista árabe Ibn al-Qalānisi relatou o fato: “Começaram então o saque e a matança, a captura e a pilhagem. As mãos

¹ Professor Adjunto de *História Medieval* da UFES.

² “Then the looting and the killing began, the capturing and pillaging. The hands of the victors were filled with money and treasure, horses and booty enough to gladden the heart and make the soul rejoice (al-Qalānisi, 279-80)” — GABRIELLI, Francesco (selected and translated). *Arab historians of the crusades*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1984, p. 50.

dos vitoriosos se encheram de dinheiro e tesouro, cavalos e presas de guerra o suficiente para alegrar e fazer com que as almas se regozijassem”².

Hugo, bispo de Jabala, foi enviado como embaixador pelo reino de Jerusalém e o principado de Antioquia para tratar com o papa Eugênio III (pisano, 1145-1153) — que se encontrava em Viterbo, pois Roma estava em poder de um grupo hostil ao papa — a possibilidade de uma nova cruzada.

Em Viterbo também se encontrava Oto Babenberger, alemão, bispo de Freising e tio de Frederico I Barba-Ruiva, imperador do Sacro Império Romano-Germânico (1152-1190). Oto registrou em sua *Chronica* a notícia, mas estava na cúria papal com o objetivo de notificar a Eugênio III a existência de um potentado cristão na Ásia, mais precisamente na fronteira com a Pérsia, que fazia então uma guerra vitoriosa contra o mundo árabe³.

O rei deste reino maravilhoso, que triunfava numa segunda frente de batalha contra o Islã num momento em que todos fracassavam, chamava-se Preste (padre) João. Era nestoriano⁴, portanto herético. Mas que importava? Um aliado, herético mas cristão, vencendo em outra frente de batalha, minando o inimigo, o “outro”, alimentando as esperanças de uma vitória final da verdadeira fé. Seu exército era imenso: sua carta, destinada apenas a “Nossa Majestade”, afirma que sua milícia levava “treze grandes e altas cruces, feitas de ouro e de pedras preciosas (...) e a cada uma delas seguem dez mil soldados e cem mil peões armados”⁵. Com este poderoso exército, Preste João teria conquistado Ectabana, capital persa, dirigindo-se então para o norte, quando então regressou a seu país.

É dessa forma que o mito de Preste João “entra” na História, ou seja, pelas mãos de Oto de Freising. Provavelmente na corte de Frederico I Barba-Ruiva falsificou esta carta, que teria sido enviada em 1150 por Preste João ao imperador bizantino Manuel I Comneno (1143-1180), ao papa e ao próprio Frederico I Barba-Ruiva.

A notícia dessa carta, que contava as maravilhas do reino de Preste João, espalhou-se pela Europa. Até o século XV foram feitas várias traduções e cópias. Suas diferentes versões descrevem as maravilhas de seu reino. Jóias corriam nos rios, o palácio do Preste João abrigava 30.000 pessoas à mesa, todos os dias “...não contando com os forasteiros que chegam ou partem. E todos eles recebem em cada dia, da nossa câmara, ajudas de

³ RUNCIMAN, Steven. *Historia de las Cruzadas II*. Madrid: Alianza Universidad, 1973, p. 229.

⁴ A controvérsia nestoriana foi um “cisma cristológico provocado pela culminação da escola antioquiana de teologia nas obras de Nestor (c. 381-451), patriarca de Constantinopla em 428-31. Considerou ele que Cristo tinha duas naturezas (*duo physéis*) mas isso não fazia dele dois Filhos, porquanto as naturezas distintas estavam unidas numa conjunção voluntária. Essa concepção forçou Nestor a argüir contra a atribuição a Maria do título de “Mãe de Deus” (*Theotokos*, portadora de Deus); o termo era impróprio porque ela tinha gerado apenas um homem a quem o verbo de Deus estava unido” — LOYN, Henry R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 272.

⁵ “Quando procedimus ad bella contra inimicos nostros, XIII cruces magnas et praecelesas, factas ex auro et lapidibus pretiosis, in singulis plaustris loco vexillorum ante faciem nostram portari facimus, et unamquamque ipsarum secuntur X milia militum et C milia peditum armatorum...” — *Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas* (trad. Leonor Buescu). Lisboa: Assírio & Alvim, 1998, p. 82.

⁶ “In mensa nostra comedunt omni die XXX milia hominum praeter ingredientes et exeuntes. Et hi omnes accipiunt expensas singulis diebus de camera nostra tam in equis quam in aliis expensis.” — *Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas*, *Ibid.*, p. 82.

custo quer em cavalos quer em outras espécies”⁶.

Seu palácio era ricamente decorado. Teto de cedro, cobertura de ébano, em seu cume dois pomos de ouro, portas de sardônica, janelas de cristal, mesas de ouro e ametista com colunas de marfim⁷.

Além disso, existiam seres fantásticos: “bois selvagens, sagitários, homens selvagens, homens com cornos, faunos, sáuros e mulheres da mesma raça, pigmeus, cinocéfalos, gigantes, cuja altura é de quarenta côvados, monóculos, ciclopes e uma ave que chamam fênix e quase todo o gênero de animais que existem debaixo do céu.”⁸

Preste João tinha um aspecto jovem, “apesar de ter então 562 anos de idade”⁹, porque banhava-se na própria *Fonte da Juventude*. A carta situa a Fonte num bosque, no sopé do monte Olimpo, não muito longe do Paraíso “de onde Adão foi expulso”: “Se alguém beber em jejum três vezes dessa fonte, a partir desse dia nunca mais sofrerá de qualquer doença e será sempre, enquanto viver, como se tivesse trinta e dois anos de idade”¹⁰. Quando atingiam os cem anos de idade, os homens rejuvenesciam bebendo da água da Fonte, até completarem 500 anos, quando então morrem, e, por tradição, são enterrados junto de árvores que possuem folhas que nunca caem e são duríssimas. “A sombra dessas folhas é agradabilíssima e os frutos dessas árvores de suavíssimo odor”¹¹.

Em seu reino estava também a *Árvore da Vida*, que fazia fronteira com o Paraíso, a apenas um dia de distância¹²; ela representava o próprio Preste João porque “...tal como essa árvore ultrapassa as outras em fruto e aroma, do mesmo modo a nossa pessoa neste mundo não tem semelhante nem igual.”¹³

Neste reino maravilhoso não havia corrupção, guerras ou violência, o mal inexistia: “Entre nós não existem pobres. Não existe entre nós nem roubo nem rapina, nem o adulator ou o avaro têm lugar aqui. Não há disputa entre nós. Os nossos homens abundam em todas as riquezas.”¹⁴

⁶ *Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas, Ibid.*, p. 91.

⁸ “boves agrestes, sagittarii, homines agrestes, homines cornuti, fauni, satiri et mulieres eiusdem generis, pigmei, cinocephali, gigantes, quorum altitudo est quadraginta cubitorum, monoculi, cyclopes et avis, quae vocatur fœnix, et fere omne genus animalium, quae sub caelo sunt.” — *Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas, Ibid.*, p. 56.

⁹ FRANCO JR., Hilário. *As utopias medievais*. São Paulo: Editora B. Piense, 1992, p. 39-40.

¹⁰ “Si quis de fonte illo ter ieiunus gustaverit, nullum ex illa die infirmitatem patietur, semperque erit quasi in aetate XXX duorum annorum, quamdiu viserit.” — *Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas, Ibid.*, p. 64-66.

¹¹ “Umbra quorum foliorum gratissima et earum arborum fructus odore suavissimo.” — *Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas, Ibid.*, p. 68.

¹² “Porém ela era guardada por uma serpente duas vezes maior que um cavalo, tendo ainda nove cabeças e duas asas. Vigilante o tempo todo, ela dormia apenas no dia de São João Batista, quando se podia recolher o bálsamo que a árvore produz e do qual se faz o crisma, o óleo sagrado” — FRANCO JR., Hilário. *As utopias medievais, Ibid.*

¹³ “Indorum quidam sapientes dicunt praedictam arborem nostram personam significare, quia, sicut illa arbor alias superat fructu et odore, ita nostra persona in hoc mundo non habet similem neque parem.” — *Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas, Ibid.*, p. 114-116.

¹⁴ “Nullus pauper est inter nos. Fur nec praedo invenitur apud nos, nec adulator habet ibi locum neque avaricia. Nulla divisio est apud nos. Homines nostri habundant in omnibus divitiis.” — *Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas, Ibid.*, p. 76.

Seus súditos eram abençoados por terem um rei tão maravilhoso. A similitude com Salomão é clara: “A população de Judá e de Israel (...); comiam, bebiam e viviam felizes” (1 Rs, 4,20). Preste João proclamava-se imperador de 72 reis na Ásia — o número 72 era uma analogia a Isidoro de Sevilha: “De fato, segundo a autoridade de Isidoro de Sevilha, o mundo é formado por 72 povos (44:IX, 2, 2), e Preste João afirma na sua carta governar 72 províncias, cada uma delas tendo um rei que lhe é tributário¹⁵ .

Dessa maneira, não é de surpreender que, em 1177, o papa Alexandre III (sienês, 1159-1181) tenha enviado como embaixador para o reino de Preste João seu médico particular, Felipe, solicitando ajuda contra os muçulmanos. A Igreja, já nesse momento, também enxergava a possibilidade de se apropriar do mito. Ao que parece, Felipe terminou sua missão na Abissínia sem nenhum resultado¹⁶ .

Mas qual o interesse do bispo Oto de Freising para divulgar um rei lendário, um reino fantástico e falsificar esta carta? Devemos buscar no contexto político germânico da época as causas da atitude do bispo alemão.

As lutas internas no Império entre guelfos e gibelinos¹⁷ , a disputa entre Frederico e o papa Alexandre III (poder temporal x poder espiritual) — que tinha suas origens na *Questão das Investiduras*¹⁸ — faziam do mito de Preste João um importante instrumento político nas mãos de Frederico¹⁸ , como veremos.

Como imperador, Frederico também detinha o título de rei da Lombardia. Resolvendo assumi-lo literalmente, enviou a cada uma das cidades lombardas italianas um *podestàs* — representante imperial — para governar em seu nome. Alexandre III, com receio pelos direitos temporais do papado, excomungou-o (1160). A Liga Lombarda¹⁹ , criada em 1167 após a tomada de Milão por Frederico (o imperador arrasou a cidade, incendiando-a totalmente), venceu o exército germânico em Legnano (1176), obrigando-o a se reconciliar com o papa e assinar um tratado restituindo o governo próprio das cidades italianas (Tratado de Constança, de 1183).

O imperador necessitava de um apoio espiritual superior ao papa, um *suporte*

¹⁵ FRANCO JR., Hilário. *As utopias medievais*, *Ibid.* A passagem na carta sobre os reis é essa: “Setenta e dois reis são nossos tributários (...) Setenta e duas províncias nos prestam vassalagem” (*Septuaginta dua reges nobis tributarii sunt [...] Septuaginta duae provinciae serviunt nobis*) — *Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas*, *Ibid.*, p. 54.

¹⁶ RUNCIMAN, Steven. *Historia de las Cruzadas II*, *Ibid.*, p. 382.

¹⁷ **Guelfo** — de Welf, ou Guelf, tio do duque Henrique da Baviera, que se opôs à eleição de Conrado III da Suábia, o primeiro da dinastia dos Hohenstaufen; **Gibelino** — de Waiblingen, aldeia pertencente aos Hohenstaufen. Mais tarde, na Itália, com as campanhas de Frederico contra a Liga Lombarda, *guelfo* passou a designar os partidários do papa, e *gibelino* os partidários do imperador.

¹⁸ “...grande crise que assolou as relações entre o Império e o Papado, e, na verdade, entre a Igreja e o Estado de um modo geral, no período que vai de 1075 a 1122 na Europa Ocidental (...) Investidura — ato físico de investir um clérigo com as insígnias do cargo” — LOYN, Henry R. (org.). *Dicionário da Idade Média*, *Ibid.*, p. 209.

¹⁹ Esta hipótese é levantada por FRANCO JR., Hilário. *A construção de uma utopia: o império de Preste João*. Conferência proferida em 12-10-94 durante o I Simpósio Internacional de História Antiga e Medieval e VI Simpósio de História Antiga, 10 a 14 de outubro de 1994, Porto Alegre (notas pessoais). Concordamos e adotamos seu ponto de vista.

²⁰ Cidades que compunham a Liga: Verona, Bolonha, Milão, Vicenza, Treviso, Pádua, Mântua, Bréscia, Cremona, Ferrara, Bérgamo, Parma, Módena e Piacenza.

mental que desse legitimidade às suas pretensões de um grande Império contra o poder papal²⁰. Preste João era a oportunidade que Frederico estava esperando. Através de uma série de confluências mitológicas, o imperador construiu uma “ponte” com Preste João, que, por sua vez, desembocava em Cristo. De que forma?

Preste João tinha elementos que o projetavam até o nascimento de Cristo, mais especificamente na figura dos três reis magos, que, numa tradição oriental, seriam seus ascendentes diretos²¹. Devemos então observar a ligação dos magos com Cristo.

Na tradição bíblica, o encontro dos magos com Jesus se encontra no Evangelho de Mateus: “Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que vieram magos do Oriente a Jerusalém, perguntando: “Onde está o rei dos judeus recém-nascido? Com efeito, vimos a sua estrela no céu surgir e viemos homenageá-lo” (Mt 2, 1-2)²².

O diálogo narrado se deu entre os magos e Herodes. Alarmado, Herodes ordenou aos magos que se certificassem do nascimento. Maravilhosamente, a estrela os conduziu à casa de Jesus: “Eles, revendo a estrela, alegraram-se imensamente. Ao entrar na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o homenagearam. Em seguida, abriram seus cofres e ofereceram-lhe presentes: *ouro, incenso e mirra*. Avisados em sonho que não voltassem a Herodes, regressaram por outro caminho para a sua região” (Mt. 2, 10-12)²³.

O onírico novamente interfere nas ações humanas. Os magos, “do Oriente”, região por excelência “dos sábios astrólogos”, ofereceram os presentes paradigmáticos do “outro” mundo: ouro, incenso e mirra. Para os Padres da Igreja, simbolizam respectivamente a realeza, a divindade e a paixão²⁴.

É interessante observar que apenas Mateus descreve o encontro com os magos. Marcos e João nada dizem; Lucas fala na presença de pastores (Lc, 2, 1-20). Essas diferenças podem ser historicamente explicadas?²⁵ Possivelmente não.

Mas o mais importante para nós, neste trabalho, é identificar o momento em que os magos entraram na casa de Jesus: simultaneamente. Esta tradição bíblica difere significativamente de outra tradição, oral, apócrifa, fixada por Marco Polo (1254-1324) em seu *Livro das Maravilhas*. Nele, Polo encontra seus túmulos, dá seus nomes (que não constam do Evangelho segundo São Mateus) — Baltazar, Gaspar e Belchior —; identifica a cidade de onde partiram para adorar o menino Jesus (“Sava”, atual Saveh, cem quilômetros a sudoeste de Teerã)²⁶.

Por fim, narra o momento de encontro:

²¹ Para as relações entre Frederico I e o papado, ver DUFFY, Eamon. *Santos & Pecadores. História dos Papas*. São Paulo: Cosac & Naif, 1998, p.108-109.

²² FRANCO JR. Hilário. *A construção de uma utopia: o império de Preste João*, *Ibid.* (notas pessoais).

²³ *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 1.839.

²⁴ *A Bíblia de Jerusalém*, *Ibid.*

²⁵ *A Bíblia de Jerusalém*, *Ibid.*

²⁶ MEIER, John P. *Um judeu marginal — repensando o JESUS histórico*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992, p. 205-230. Salta aos olhos que o autor, apesar da erudição do trabalho, não comente ou tente explicar a ausência dos Três Magos nos outros Evangelhos sinópticos.

²⁶ MARCO POLO. *O Livro das Maravilhas*. Porto Alegre: L & PM, 1994, p. 64.

Chegando ao local onde havia nascido o Menino, o mais novo daqueles reis saiu da caravana e foi sozinho vê-lo, e verificou que era parecido consigo próprio, pois tinha a sua idade e estava vestido como ele; ficou assombrado o Rei Mago.

Logo a seguir foi o segundo Rei Mago, que era de meia-idade, e certificou-se do mesmo; aumentava a surpresa deles.

Finalmente foi o terceiro rei, que era o mais velho dos três, e sucedeu-lhe aquilo que tinha sucedido aos outros. Ficaram muito pensativos. Quando se reuniram, contaram uns aos outros o que tinham visto e maravilharam-se todos.

Decidiram, então, ir os três ao mesmo tempo, encontrando o Menino do tamanho e com a idade que lhe correspondia (pois não tinha mais do que três dias). Prostraram-se diante dele, oferecendo-lhe o ouro, o incenso e a mirra. O Menino aceitou tudo aquilo e em troca ofereceu-lhes um cofrezinho fechado. Os Reis Magos voltaram aos respectivos países²⁷.

Os magos são o “Cristo tripartido”²⁸; nessa “genealogia mitificada e idealizada”²⁹ da tradição oriental, eles são associados a Preste João, que assim descenderia do próprio Cristo³⁰. Mas e Frederico? Onde se insere nessa tradição mitológica que vai de Cristo a Preste João, passando pelos três reis magos?

Sua ligação é de reconhecimento, diplomático, real e imperial. A ele, ao imperador bizantino e ao papa, Preste João se dirige. Frederico, através de seu tio Oto de Freising, traz o mito para si, como os reis magos e Carlos Magno, como força espiritual em sua luta por um império à frente dos demais reinos da Europa.

Assim, Frederico se colocava na condição de maior representante da Cristandade, único digno de trocar correspondência com o descendente direto de Cristo. Estava dessa maneira acima de Alexandre III ou de qualquer outro que estivesse no cargo de Sumo Pontífice.

Frederico também cercou-se de provas materiais. Quando da tomada de Milão, a que nos referimos anteriormente, o imperador se apossou das relíquias dos reis magos, que se encontravam na cidade. Transferiu-as para Colônia, cidade alemã que também possuía muitas relíquias³¹.

Paralelamente, promoveu a canonização de Carlos Magno³², uma forma de aumentar seu prestígio e sua aura sacrossanta, através de um antecessor glorioso alçado à santidade. Esse “processo santificatório” só pôde ser levado a cabo pela falsificação

²⁷ MARCO POLO. *O Livro das Maravilhas*, *Ibid.*, p. 58-59.

²⁸ FRANCO JR., Hilário. *A construção de uma utopia: o império de Preste João*, *Ibid.* (notas pessoais).

²⁹ *Ibid.*

³⁰ FRANCO JR., Hilário. *As utopias medievais*, *Ibid.*, p. 74.

³¹ FRANCO JR., Hilário. *A construção de uma utopia: o império de Preste João*, *Ibid.* (notas pessoais).

³² Carlos Magno não chegou a ser santificado: foi incluído no rol dos “bem-aventurados” em 1165 (isto é, aquele que desfruta após a morte uma felicidade celestial eterna. É o primeiro passo para a canonização). Isso não significa um fracasso nas intenções de Frederico; seu projeto de ter um antepassado real “santo” foi realizado.

de Oto de Freising.

No fim de sua vida reconciliou-se com Roma. A morte de Urbano III em 1187 facilitou as coisas; Gregório VIII (de Benevento, 1187) e Clemente III (romano, 1187-1191) mostraram-se amistosos com esse novo aliado na luta contra o Islã³³.

Sua inesperada morte³⁴ a caminho da Palestina para a Terceira Cruzada — afogado — aumentou as lendas que cercaram sua figura. Frederico não havia morrido; estava adormecido na montanha Kyffhauser, na Turíngia, pronto para voltar e trazer a glória do Sacro Império de volta³⁵.

Foi nesse contexto político que “surgiu” historicamente Preste João. A Europa o recebeu de braços abertos; em pouquíssimo tempo o mito ultrapassou a corte germânica para assumir as mais variadas texturas, até se deslocar para a África.

A transferência geográfica do mito

Mas antes que passemos da Ásia para a África, é necessário mostrar por que o mito mudou geograficamente de posição. Consideramos o testemunho de Marco Polo essencial para delimitar esse marco.

Em seu livro já citado, Polo confirma a existência de Preste João na Ásia. Chegando a Karakorum, “cidade de três milhas de circunferência” na planície de Tangut, Polo relata que o povo que vivia nessa região, os tártaros, não tinham rei, mas pagavam tributo a um senhor (Cã): “E era este o Prestes João, de quem falavam todos, no grande Império. Os tártaros davam-lhe uma renda de dez cabeças de gado (o dízimo). Mas o povo multiplicou-se, e, quando isto viu, o Prestes João decidiu dividi-lo por várias regiões, e enviar, para governá-las, alguns dos seus barões”³⁶.

Nesta narrativa, Preste João governava um império de muitos povos. Os tártaros se recusaram a obedecer suas determinações; declararam-se revoltados, emigraram “para outro deserto” e elegeram seu próprio rei, Gêngis Cã.

Quando se sentiu suficientemente fortalecido, Gêngis enviou emissários a Preste João, pedindo-lhe sua filha como mulher. Este, ofendido, expulsou os mensageiros, dizendo-lhes: “Dizei ao vosso povo que o condeno à morte por ser traidor e desleal, e por ter a audácia de pedir a filha do seu senhor para mulher, e que eu o farei morrer de morte afrontosa”³⁷.

Preste João considerava Gêngis Cã um vassalo e, portanto, indigno de ser seu

³³ RUNCIMAN, Steven. *Historia de las Cruzadas III*. Madrid: Alianza Universitat, 1975, p. 23-24.

³⁴ “La muerte del gran Emperador fue un rudo golpe no sólo para sus propios seguidores sino para todo el mundo franco” — RUNCIMAN, Steven. *Historia de las Cruzadas III. Ibid.*, p. 28.

³⁵ Uma lenda afirmava que podia-se ver a longa barba de Frederico crescendo através do mármore que o cobria. Um dia ele despertaria e faria de novo a Alemanha ordeira e poderosa. É interessante observar que a construção da imagem de Frederico como um unificador alemão não corresponde à realidade: o imperador fez grandes concessões senhoriais aos nobres alemães.

³⁶ MARCO POLO. *O Livro das Maravilhas. Ibid.*, p. 92.

³⁷ MARCO POLO. *O Livro das Maravilhas. Ibid.*, p. 93.

genro. O Cã organizou um exército para o combate “na grande planície chamada *Tangut*, que pertencia ao Prestes João, e ali aparelhou os seu cavalos, e eram tantos os homens que não podiam contá-los”³⁸. Após uma consulta astrológica com dois cristãos — onde o Cã soube de sua vitória — deu-se o combate:

Durante dois dias, as duas hostes inimigas bateram-se duramente. E foi batalha maior e mais encarniçada que jamais viu o gênero humano. Houve grandes perdas, duma parte e doutra, mas afinal venceu Gêngis Cã esta batalha, na qual morreu Prestes João (...) Conteí-vos como os tártaros elegeram o seu primeiro grã-senhor e como venceram Prestes João. Agora falarei dos seus usos e costumes³⁹.

Sem dor, sem lamentação. Assim Polo narrou a morte do mito, esperança última da Cristandade na luta contra o Islã. Por que?

Polo é um homem novo num tempo ainda antigo. Está colocado na curva, virada de um tipo de mentalidade. Seus olhos estão direcionados para a frente, para a troca, o comércio. O mito faz parte do passado, é intransigente e unilateral. Polo representa a multiplicidade, os dois mundos interagindo: é a alavanca para o desenvolvimento, afinal é veneziano...

Quando Polo “mata” o mito, está contribuindo para essa transposição geográfica: na verdade, as pessoas ainda desejavam que Preste João existisse, o Ocidente ainda tinha como sinal paradigmático a cruzada.

A Europa ainda estava sendo pressionada militarmente pelo Islão, principalmente em suas áreas limítrofes: o Império Bizantino e a Península Ibérica (que então estava no auge de seu processo de Reconquista). Preste João ainda era a esperança da abertura de uma segunda frente. Provavelmente por isso a sua transferência geográfica para a África.

O mito então se deslocou da Ásia para a África no século XIV, mais precisamente para a Etiópia. Segundo Mollat⁴⁰, o primeiro a situar seu reino “ao sul do Egito” foi o cartógrafo genovês Angelino Dulcert. O desconhecimento europeu em relação ao reino etíope, devido ao não-mapeamento das fontes do Nilo (porque por terra havia o Deserto do Sudão e o Maciço Etíope) também criava um clima propício ao desenvolvimento de lendas maravilhosas.

Conta uma delas que Makeda era a rainha de Sabá (Etiópia)⁴¹. Maravilhada com as preciosidades trazidas do reino de Salomão por um mercador, resolveu fazer uma visita pessoalmente:

³⁸ MARCO POLO. *O Livro das Maravilhas*. *Ibid.*, p. 94.

³⁹ MARCO POLO. *O Livro das Maravilhas*. *Ibid.*, p. 95.

⁴⁰ MOLLAT, Michel. *Los Exploradores del siglo XIII al XVI — primeras miradas sobre nuevos mundos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 35.

⁴¹ “Reino de *Aksum*, mais tarde o império da Etiópia” — KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra I*. Viséu: Publicações Europa-América, s/d, p. 116. “O reino de Sabá ocupava o sudoeste da península arábica, mas esta rainha era mais provavelmente a soberana de uma das colônias sabéias existentes na Arábia do norte” — *A Bíblia de Jerusalém*. *Ibid.*, p. 525. Portanto, não se considera hoje que Sabá correspondesse a *Aksum*.

A rainha de Sabá ouviu falar da fama de Salomão e veio pô-lo à prova por meio de enigmas. Chegou a Jerusalém com numerosa comitiva, com camelos carregados de aromas, grande quantidade de ouro e de pedras preciosas (...) Quando a rainha de Sabá ouviu toda a sabedoria de Salomão (...) ficou fora de si e disse ao rei: “Realmente era verdade quanto ouvi na minha terra a respeito de ti e da tua sabedoria (...) Felizes das tuas mulheres, felizes destes teus servos, que estão continuamente na tua presença e ouvem a tua sabedoria (...) o rei Salomão ofereceu à rainha de Sabá tudo o que ela desejou e pediu além dos presentes que lhe deu com munificência digna do rei Salomão (o grifo é nosso). Depois ela partiu e voltou para sua terra, ela e seus servos (1 Rs, 10, 1-13)⁴².

O final dessa passagem bíblica permite uma aproximação com a tradição apócrifa: Makeda é seduzida por Salomão, dá a luz um filho chamado Menelike, que será sagrado rei por Salomão “e voltará com um grupo de jovens notáveis à Etiópia, não sem terem subtraído a arca da Santa Aliança, para a honrarem em África”⁴³.

Assim se inicia uma dinastia salomônica na Etiópia, conferindo-lhe uma condição mítica que desembocará na lenda de Preste João no século XIV.

No século IV o reino etíope de Aksum se converteu ao cristianismo pelas mãos de Fromentius, monge sírio sagrado bispo e chefe espiritual da Etiópia por Santo Atanásio, patriarca de Alexandria⁴⁴. Atanásio havia afirmado que a humanidade de Cristo estava absorvida na sua divindade — proposição de unidade da natureza de Cristo (monofisismo) — e foi condenado pelo Concílio de Calcedônia (451). A Igreja etíope é, portanto, herética e cismática,⁴⁴ seguindo o rito litúrgico e o calendário copta egípcio, além de certos costumes sincrético.

É mais uma aproximação com a lenda de Preste João, que também é herético (nestoriano) e maravilhoso.

Rumo a Etiópia

O avanço do Islão chegou à Etiópia.

Alguns companheiros de Maomé, fugindo da aristocracia coraixita⁴⁵, refugiaram-se em Aksum, em 615, instigados pelo próprio Profeta, que teria lhes assegurado: “Se fordes para a Abissínia (...) encontrareis um rei sob o qual ninguém é perseguido. É uma terra de justiça, onde Deus trará o repouso às vossas tribulações”⁴⁶.

⁴² *A Bíblia de Jerusalém. Ibid.*, p. 525-526.

⁴³ KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra I, Ibid.*, p. 117.

⁴⁴ KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra I, Ibid.*, p. 118.

⁴⁵ “danças arrebatadas, tambores, sacrifícios de cabras (...) interdição de entrar na igreja no dia seguinte a relações sexuais e a observação do sábado em vez do domingo resultam da prática judaica” — KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra I, Ibid.*

⁴⁶ *Coraixita* — “Originalmente da tribo dos *Quraisb*, do norte da Arábia. Importante comunidade comercial de Meca” — LEWIS, Bernard. *Os Arabes na História*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990, p. 40-41.

Nessa tradição, a Etiópia também é a terra das maravilhas, como na descrição do reino de Preste João. Mas a pirataria etíope no Mar Vermelho e suas razias nas costas árabes levaram o Profeta, segundo outra tradição, a dizer: “Evitai toda a querela com os Etíopes, porque eles receberam em herança nove décimos da coragem da humanidade”⁴⁷.

É mais uma oralidade que ajuda a conexão com Preste João: agora, os etíopes são os inimigos dos árabes, portanto, amigos da Cristandade. O início da dinastia Zagwés no século XII não interromperia o caráter maravilhoso da Etiópia, iniciado desde a visita da rainha de Sabá a Salomão: segundo alguns autores, esta dinastia seria uma descendência salomônica por via de Balkis, uma das criadas de Makeda, rainha de Sabá⁴⁸.

Assim estava preparado o terreno para a chegada do reino de Preste João direto da Ásia. Principalmente porque a Etiópia já possuía seu santo católico: Lalibela, da dinastia zagwé, rei piedoso que fundou inúmeros igrejas e mosteiros⁴⁹.

Após a geografação do maravilhoso feita pelo cartógrafo genovês Angelino Dulcert, temos notícia do encontro em Nápoles de um dominicano de origem siciliana, Pedro Ranzano, com um embaixador do soberano etíope *negus*⁵⁰, de nome Pedro Rambulo. Este embaixador estava em missão junto ao rei de Aragão, em 1450. Afirmou que seu rei era o verdadeiro Preste João, descendente direto da rainha de Sabá, e que seu reino havia sido evangelizado pelo apóstolo Tomás⁵¹.

Além de transferência geográfica, percebe-se aqui outro elemento mítico: o nome Preste João começa a se tornar um título, intemporal. Assim, o “nome se pereniza (...) mais conveniente para a lenda”⁵². Preste João é sempre um rei, sacerdote, chefe religioso, inimigo do Islã (pelo menos em teoria).

A Europa receberia muitos embaixadores etíopes a partir de então, mas nenhum com descrição tão precisa quanto Ranzano. As relações tornaram-se mais sólidas com a fundação do Colégio Etíope, em 1474, pelo papa Sixto IV (de Savona, 1471-1484) e duas missões de Battista d’Imola (em 1482 e 1484)⁵³.

A morte do mito do Preste João

No tempo do rei Lebna Denguel (Incenso da Virgem) (1508-1540)⁵⁴, a regente Helena, uma princesa muçulmana convertida, mandou um mensageiro a Portugal, Mateo,

⁴⁷ KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra I, Ibid.*, p. 152.

⁴⁸ KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra I, Ibid.*, p. 153. Os etíopes pilharam Jeddah, porto de Meca, em 702.

⁴⁹ KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra I, Ibid.*, p. 155.

⁵⁰ KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra I, Ibid.*

⁵¹ “O título oficial do imperador é Rei dos Reis (*Negusa nagast*). Título que se explicava pelo grande número de príncipes que, na periferia do império, reconheciam laços de vassalagem para com ele. Esses laços eram com frequência consagrados pelo casamento do rei da Etiópia com princesas árabes, em grande detrimento da monogamia cristã. É verdade que essas princesas eram obrigadas a converter-se, mas encontrar-se-á também como regente no trono a filha de um príncipe muçulmano. É o caso daquela Helena que recebeu a delegação portuguesa (de 1520). A parte central do império estava sob a autoridade absoluta dos *negus*” — KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra I, Ibid.*, p. 229.

⁵² MOLLAT, Michel. *Los Exploradores del siglo XIII al XVI — primeras miradas sobre nuevos mundos, Ibid.*, p. 37.

⁵³ BRAGA JR. Elói. “Introdução”. In: MARCO POLO. *O Livro das Maravilhas, Ibid.*, p. 20

⁵⁴ MOLLAT, Michel. *Los Exploradores del siglo XIII al XVI — primeras miradas sobre nuevos mundos, Ibid.*, p. 37.

o Armênio, durante uma série de escaramuças do reino etíope com as potências islâmicas da costa. Uma embaixada portuguesa foi enviada em 1520, descrita pelo padre e capelão Francisco Álvares⁵⁵. Ele foi o primeiro cristão a ver Preste João. A morte do mito foi descrita com detalhes:

Abriram-se as cortinas e vimos subitamente o Preste João sobre um palanque de seis degraus ricamente adornado. Trazia sobre sua cabeça uma grande coroa de ouro e prata. Nas mãos segurava uma cruz de prata (...) À sua direita um pajem segurava uma cruz entalhada de folhas de prata (...) Preste João usava um vestido de rico brocado e uma camisa de seda com mangas largas. Uma rica vestimenta, como um hábito de bispo, caía de seus joelhos até o chão (...) Seu porte e seus modos são completamente dignos do poderoso personagem que é⁵⁶.

O maravilhoso morria através de um dos sentidos que o proporcionam, a visão. Mitos são vistos, cheirados, ouvidos. Preste João foi visto por Francisco Álvares sem a auréola maravilhosa que o cercou nos séculos precedentes. Afinal, já tinha sido “morto” por Marco Polo e ressuscitado na África, como num suspiro final da mentalidade cruzada. Já estamos em plena era dos descobrimentos, Colombo, Cabral, Magalhães. São novas maravilhas a serem descobertas, novos mitos a serem visitados. O novo se impõe, sob a égide do “progresso” comercial, da expansão europeia.

O surgimento do mito é uma correspondência mental com a realidade. O mito é uma das formas da consciência humana, “o exame dos mitos ilumina a estrutura dessa consciência”⁵⁷. Sua efervescência mostra uma tomada de atitude, sua aceitação aponta

⁵⁵ KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra I, Ibid.*, p. 257.¹²³ “Mas os Portugueses serão acolhidos sem entusiasmo (...) Lebna Denguel ficou decepcionado com os magros presentes que lhe vinham da Europa. E, quando num mapa que lhe mostraram viu quando pequeno era o espaço ocupado por Portugal em comparação com seu próprio reino, cuja extensão era exagerada por causa das técnicas de representação cartográfica, encheu-se de um sentimento de orgulho (...) ficou consternado por reinos cristãos recorrerem às armas (...) Aceitou de boamente ceder Massawa como base naval a Portugal e prometeu a sua aliança contra os Muçulmanos. Por sua parte, pediu artesãos e médicos” — KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra I, Ibid.*

⁵⁶ MOLLAT, Michel. *Los Exploradores del siglo XIII al XVI — primeras miradas sobre nuevos mundos, Ibid.*, p. 39. Para uma conexão histórica do mito (além de outra interpretação): “... otros sucesos modificaban la fisionomía del Asia Central. El poder fue ejercido allí, desde los principios del siglo, por Sandjar, el decano de la familia selyúcida. Pero en la estepa del norte se estaba formando un nuevo imperio nómada, el de los qarakhitai, emparentados con los mongoles. En 1143 éstos aplastaron a Sandjar y se anexaron los antiguos territorios musulmanes hasta Amu Darya. Los qarakhitai, al menos nominalmente, abarcaban una amalgama de religiones diversas y su jefe Gur Kan era, quizá, más o menos adepto a la Iglesia cristiana nestoriana, la cual, por mantenerse relacionada con la iglesia madre de Irak, tenía aún una influencia real. Los nestorianos del mundo musulmán, a quienes su decadencia demográfica hacía sensibles a las esperanzas escatológicas, vieron en la victoria de Gur Kan el anuncio de una revancha — venida del Lejano Oriente — del cristianismo sobre el Islam. No es imposible que Gur Kan haya enviado un mensaje al emperador de Constantinopla. En todo caso, la historia del Preste Juan fue llevada al concilio de Letrán; y una carta, llena de un magma folclórico heredado de la antigüedad, acabó por alcanzar al papa. Tal fue el origen de la leyenda del Preste Juan (os grifos são meus).” — CAHEN, Claude. *Oriente Y Occidente en tiempos de las cruzadas*. México: Breviarios, Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 174-175.

⁵⁷ MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofía*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982, p. 266.

em direção do anseio coletivo, personificação do fabuloso na forma do reino imaginário, distante e inatingível. Sua inexistência física amenizava os desgastes dos personagens concretos, talvez por isso “seu conteúdo mítico e sua longa duração”⁵⁸.

Acreditar em Preste João foi, para o homem dos séculos XII-XV, a esperança cruzada, um motivo para permanecer lutando, reconquistando. É esse espírito belicoso que sempre insiste em renascer de nossas entranhas, mesmo com todo o racionalismo delirante que cresce, século após século. É parte de nós.

Referências bibliográficas

Fontes

- GABRIELI, Francesco (selected and translated). *Arab historians of the crusades*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1984.
- MARCO POLO. *O Livro das Maravilhas*. Porto Alegre: L & PM, 1994.
- Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas* (trad. Leonor Buescu). Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.
- A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

Obras citadas

- CAHEN, Claude. *Oriente Y Occidente en tiempos de las cruzadas*. México: Breviarios, Fondo de Cultura Económica, 1989.
- DUFFY, Eamon. *Santos & Pecadores. História dos Papas*. São Paulo: Cosac & Naif, 1998.
- FRANCO JR., Hilário. *As utopias medievais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- FRANCO JR., Hilário. *A construção de uma utopia: o império de Preste João*. Conferência proferida em 12-10-94 durante o I Simpósio Internacional de História Antiga e Medieval e VI Simpósio de História Antiga, 10 a 14 de outubro de 1994, Porto Alegre (notas pessoais).
- KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra I*. Viseu: Publicações Europa-América, s/d.
- LEWIS, Bernard. *Os Árabes na História*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.
- LOYN, Henry R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- MEIER, John P. *Um juden marginal — repensando o JESUS histórico*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.
- MOLLAT, Michel. *Los Exploradores del siglo XIII al XVI — primeras miradas sobre nuevos mundos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.
- RUNCIMAN, Steven. *Historia de las Cruzadas II*. Madrid: Alianza Universidad, 1973.
- RUNCIMAN, Steven. *Historia de las Cruzadas III*. Madrid: Alianza Universidad, 1975.

⁵⁸ FRANCO JR., Hilário. *A construção de uma utopia: o império de Preste João*. *Ibid.*